

# Relação de comunidade escolar com as plantas alimentícias não convencionais (PANCs).

Projeto Soberania Alimentar

Autora: Fernanda Golin Panisson<sup>1</sup> (fgpanisson@ucs.br); Orientadora: Luciana Scur<sup>1</sup> (lscur@ucs.br); e

Coorientador: Felipe Gonzatti<sup>1</sup> (fgonzatti@ucs.br)

<sup>1</sup>Museu de Ciências Naturais, Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul/RS.

## Introdução

Grande parte das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs), chamadas comumente de espontâneas, daninhas, pragas ou inços, são potencialmente alimentícias, sendo suas raízes, caules, folhas, flores, frutos ou sementes utilizadas para este fim. Muitas destas plantas espontâneas, atualmente são negligenciadas devido ao desconhecimento das mesmas e de seus usos alimentares. e uso das PANCs de forma imediata.

## Objetivo

Investigar por meio da aplicação de um questionário semiestruturado, os conhecimentos dos estudantes de ensino médio e técnico de uma escola agrícola e de seus familiares, sobre as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs).

## Metodologia

Foram aplicados questionários semiestruturados para 23 estudantes de ensino médio e técnico de uma escola agrícola na cidade de Caxias do Sul, RS. Os estudantes deveriam preencher o questionário juntamente com seus familiares, em suas residências. Foram analisadas cinco questões relacionadas às PANCs, sendo estas de abordagens abertas e fechadas.

## Resultados e discussão

A primeira questão foi relacionada com as plantas existentes nas residências para consumo alimentar. Os 23 estudantes e suas famílias afirmaram que possuem plantas para consumo alimentar em suas residências. A segunda questão foi sobre a utilização de plantas que nascem espontaneamente (sem plantio) nos espaços da residência na alimentação, e 26% dos estudantes e familiares utilizam estas plantas (Figura 1A).

Figura 1A: Utilização de plantas que nascem espontaneamente nos espaços da residência para alimentação.

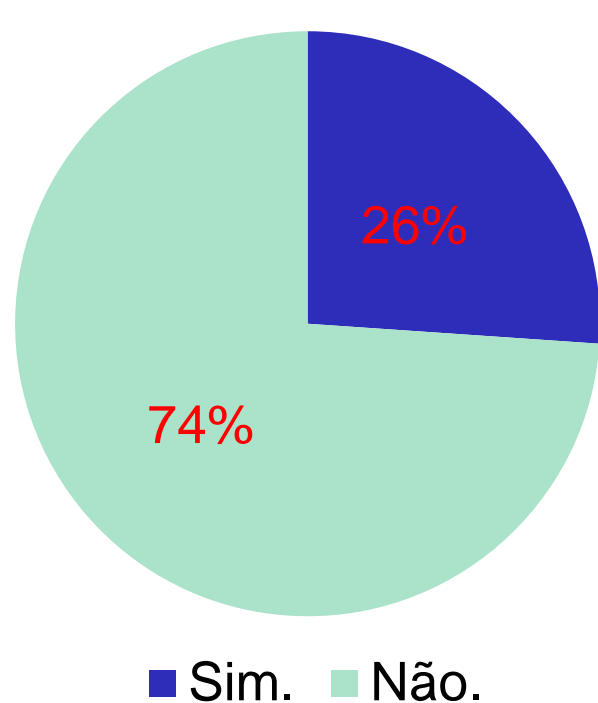
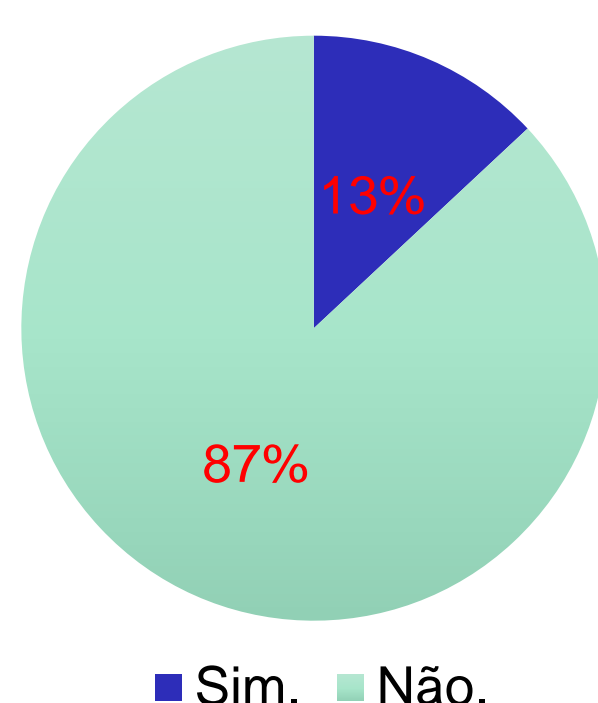


Figura 1B: Cultivo de PANCs nos espaços da residência.



Fonte: Dados da pesquisa.

As demais questões tratavam sobre o conhecimento do conceito de PANCs e da diversidade destas plantas. Dentre os estudantes e seus familiares, 91% afirmam saber o que são PANCs, e 70% conhecem alguma espécie considerada como tal. A planta alimentícia não convencional mais citada foi a urtiga, 39% (Figura 2). Outras plantas citadas foram: ora-pro-nóbis, gengibre, quebra-queixo, nabo, tansagem, dente-de-leão, mata campo, carqueja, radicci do mato, mastruz, picão, capuchinha e alho poró (Figura 2).

Figura 2: Plantas PANCs conhecidas pelos estudantes e familiares (urtiga, capuchinha e nabo forrageiro).



*Urtica dioica* L.

*Tropaeolum majus* L.

*Raphanus sativus* L.

Fonte: KINUPP, V. F.; LORENZI, H., 2014.

Na última questão foi verificado através da resposta dos estudantes e seus familiares que 13% cultivam alguma PANCs nos espaços da residência (Figura 1B)

## Considerações finais

Os dados apresentados neste trabalho são iniciais, visto que o projeto está em andamento. A partir deste questionário inicial, serão realizadas atividades práticas e lúdicas com os estudantes, a fim de esclarecer sobre o conhecimento e utilização das plantas alimentares nas residências. Além disso, será realizado coleta e identificação botânica das espécies vegetais de uso corrente alimentar nas comunidades escolares, a fim de efetivar um levantamento etnobotânico, com vistas a reintrodução destas espécies negligenciadas com potencial alimentício, contribuindo para a conservação da agrobiodiversidade e ampliando a oferta nutricional à população.

## Referências

KINUPP, Valdely Ferreira; LORENZI, Harri. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas.** São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014.  
BARREIRA, T. F. et al. Diversidade e equitabilidade de Plantas Alimentícias Não Convencionais na zona rural de Viçosa, Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Campinas, v. 17, n. 42, p.964-974, 2015.